

A importância do acervo imagético de uma instituição para preservação da sua memória

Andréa Cristina Pring Marinho

Responsável técnica da Gerência de Documentação do Departamento Nacional. Bibliotecária. Especialista em Gestão da Informação e Inteligência Competitiva e em Análise, Projeto e Gerência de Sistemas.
E-mail: documentacaotecnica.integracao@senac.br

Jacymara de Assumpção Amorim

Assessora técnica da Gerência de Documentação do Departamento Nacional do Senac. Bibliotecária. Especialista em Gestão da Informação e Inteligência Competitiva.
E-mail: documentacaotecnica.integracao@senac.br

Maria Auxiliadora de Souza Nogueira

Bibliotecária da Gerência de Documentação do Departamento Nacional do Senac. Especialista em Gestão da Informação e Inteligência Competitiva e em Gestão em Educação a Distância.
E-mail: documentacaotecnica.integracao@senac.br

Fabiana Schtspar G. de Carvalho

Assessora técnica da Gerência de Documentação do Departamento Nacional do Senac. Bibliotecária.
E-mail: documentacaotecnica.integracao@senac.br

85

RESUMO

Descreve o processo de tratamento técnico e o trabalho de armazenamento e preservação do acervo imagético da Gerência de Documentação do Departamento Nacional. Contempla as seguintes etapas do processo: recebimento do acervo imagético; identificação do problema e elaboração de projeto; visita a instituições com acervos imagéticos já organizados; capacitação técnica dos bibliotecários; criação da base imagética e definição dos padrões; razões para mudança do *software* utilizado; recursos materiais necessários para acondicionamento e preservação do acervo; e por que digitalizar. Finaliza mostrando a importância da preservação do acervo imagético como resgate da memória institucional.

Palavras-chave: Acervo imagético.
Senac.DN. Memória institucional.
Preservação.

1 INTRODUÇÃO

Fotografar é parar no tempo uma imagem que jamais se repetirá (SENAC, 1999, p. 9).

O que acontece com um bibliotecário quando recebe várias pastas, caixas, envelopes etc. cheios de fotografias? E imagine que esse profissional, assim como seus colegas, nunca trabalhou com tal tipo de material. Para completar, as fotos, diapositivos (slides) e negativos somavam um montante em torno de 8 mil imagens.

Todos podem imaginar nossa situação. Ao começar a levantar a literatura nos deparamos com a seguinte frase, digamos desesperadora,

ao analisar a natureza da fotografia [...] as divisões às quais ela é submetida são de fato ou empíricas, ou retóricas, ou estéticas [...] diríamos que a fotografia é inclassificável (GONZALEZ; ARILLO, 2003, p. 2).

O que seria um material “inclassificável”?

E não foi só o Departamento Nacional que produziu ou recebeu esse tipo de material. Em algumas Unidades Informacionais do Sistema de Informação e Conhecimento do Senac (Sics) surgiram fotografias, negativos etc., ou seja, outras fontes de informação de igual importância aos livros e periódicos, também conhecido como acervo imagético.

Neste artigo, iremos compartilhar o processo de tratamento técnico e o trabalho de armazenamento e preservação do acervo recebido pela então Diretoria de Marketing e Comunicação (DMC), atual Gerência de Marketing e Comunicação. Esse tipo de acervo são fontes que, segundo Silva (2006, p. 196),

podem ser mais reveladoras que o discurso escrito ou oral, graças às significações que delas podemos extrair, já que são o locus privilegiado para que se desenvolva a observação e a compreensão da dialética que se manifesta entre as realidades materiais e a forma como as olhamos.

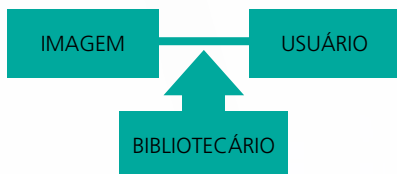
E todo esse trabalho vai ser nosso referencial para o tema em debate: a importância do acervo imagético de uma instituição para preservação da sua memória.

2 UM POUCO DA HISTÓRIA DO ACERVO IMAGÉTICO DO DEPARTAMENTO NACIONAL

O então Centro de Documentação Técnica (Cedoc, que compõe a atual Gerência de Documentação) recebeu um grande acervo de fotos, diapositivos e negativos. Todo esse acervo foi produzido ou encomendado pelo Senac.

A primeira ação foi guardar tudo em um armário. O material estava em envelopes, porta-slides e caixas, com uma etiqueta indicando o conteúdo principal: eventos, cursos, assuntos ou Departamento Regional (DR). Havia, também, envelopes com a identificação “Diversos” e “Pessoas ilustres”. O que era comum a todos os invólucros: nenhuma foto tinha descrição ou identificação.

Naquele momento, nenhuma de nós, bibliotecárias, éramos capacitadas para trabalhar com esse material. Em nossas mentes estava claro o seguinte esquema:



E havia muitas perguntas a serem respondidas:

- a. como catalogar?
- b. como indexar?
- c. vamos criar uma base de dados só para este acervo?
- d. como armazenar?
- e. como preservar?
- f. como restaurar?
- g. como e “se podemos” disponibilizar ?

Também conhecido como iconográfico, o acervo imagético precisa não só ser armazenado, mas também receber um tratamento especial para sua conservação.

É sabido que as fotografias são artefatos dotados de características bastantes específicas, por se constituírem de diversas camadas cujo comportamento físico e químico pode ser bastante diverso, ao interagirem com o meio ambiente, além de serem enormemente suscetíveis aos ataques biológicos. É sabido também que as imagens fotográficas requerem uma leitura e uma descrição de conteúdo que diferem consideravelmente daquela que é tradicionalmente utilizada para a documentação textual (ABREU, 1999).

Para responder a todas essas questões e elaborar um projeto, providenciamos:

- 1) levantamento de literatura;
- 2) visita a instituições com acervo imagético;
- 3) qualificação técnica das bibliotecárias, por meio de cursos e visitas.

2.1 Levantamento de literatura

Existem no mercado várias publicações que possuem como tema central a “fotografia”, porém seu foco é “como fotografar”. Encontramos, também, história da fotografia, como ela surgiu e difundiu-se pelo mundo. Todos esses tópicos são importantes para o profissional que quer ou precisa trabalhar com tal acervo. Porém, precisávamos de mais: precisávamos responder àquelas perguntas.

2.2 Visitas a instituições com acervo imagético

Paralelamente ao levantamento, buscamos quais instituições, na cidade do Rio de Janeiro, possuíam acervo de fotografia e poderiam nos receber. Procuramos instituições com objetivos distintos e acervos imagéticos já organizados.

A primeira instituição a ser visitada foi o Instituto Moreira Salles, em agosto de 2006. Fomos recebidas pelo Sr. Sergio Burgi, que muito gentilmente nos recebeu, orientou e repassou muitas dicas, principalmente com relação à estruturação do nosso acervo e à elaboração do projeto.

Em seguida, visitamos o Arquivo Fotográfico do Museu do Índio, onde foi possível observar a organização física do acervo. A orientação da arquivista Roseli Rondinelli foi de grande valia e, com sua pontualidade, ajudou-nos a decidir qual a melhor forma de organização e armazenamento do nosso acervo.

Fizemos outras visitas, entre elas: Arquivo do jornal *O Globo* e aos Laboratórios de Preservação e Conservação do Museu Histórico Nacional e da Fundação Nacional de Arte (Funarte). Estas últimas visitas foram parte da programação de um curso de qualificação.

2.3 Qualificação técnica das bibliotecárias

Importante ressaltar que o objetivo aqui é relatar nossa experiência, e não divulgar os cursos disponíveis no mercado. Por esta razão, não será abordada a sua qualidade, mas sim o que aprendemos com eles.

2.3.1 Introdução à Conservação Fotográfica, ministrado pela Profª Sandra Baruki

O primeiro curso realizado, e o mais importante, forneceu a nós conhecimento sobre o material imagético, as várias técnicas de produção e conservação, como manuseá-lo, armazená-lo e preservá-lo.

2.3.2 Análise e Indexação de Documentos Imagéticos para Unidades de Informação, ministrado pela Drª Rosa Ines Cordeiro

Este veio sanar uma das nossas dúvidas, “como indexar”. A partir dele, aprendemos a fazer a representação temática e descritiva da imagem e estabelecer padrões para seu registro na nossa base de dados.

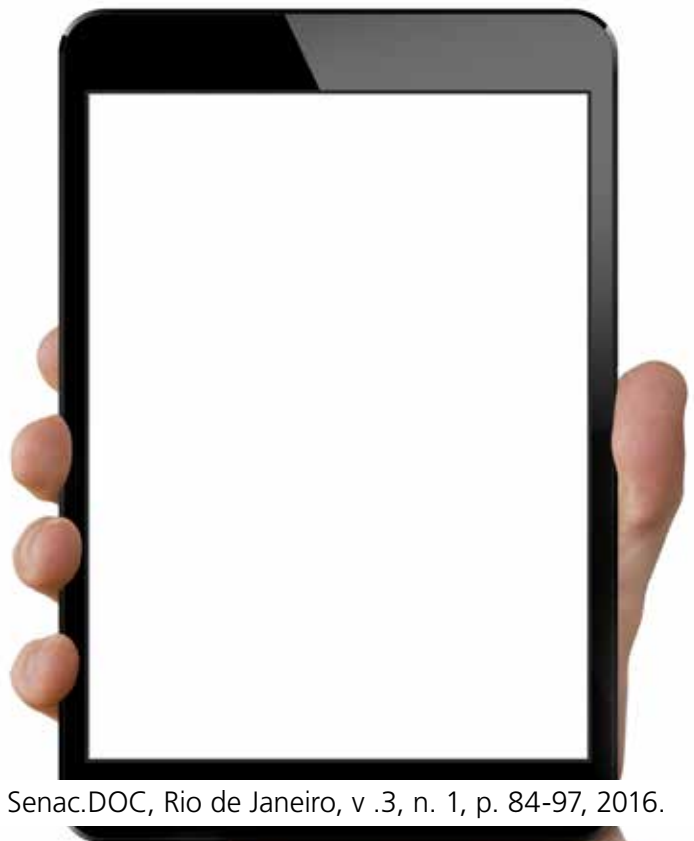
2.3.3 Aproximación metodológica al análisis de contenido de los textos y de las imágenes, ministrado pelo Prof. Dr. José Antonio Moreiro González

As aulas reforçaram como o tratamento de imagem é distinto do material convencional de uma biblioteca. Aprendemos que, no tratamento da imagem,

o resumo de uma imagem é a sua descrição objetiva. Descreve o que se vê. Já os descritores de uma imagem podem ser denotativos ou conotativos. Tudo que está subentendido em uma imagem aparece nos descritores.

2.3.4 Organização de Acervos Fotográficos, ministrado pela Profª Aline Lopes Lacerda

Último curso realizado até o momento, apresentou formas de organização de acervos. Foi possível compartilhar com colegas, de diversas instituições, nossas angústias com relação à organização e ao espaço físico para o acervo imagético.



3 IDENTIFICAÇÃO DO ACERVO IMAGÉTICO DO DEPARTAMENTO NACIONAL

Como já mencionado, o acervo imagético recebido era composto de fotografias, negativos, cromos e diapositivos. Vamos conhecer melhor o que são esses materiais.

3.1 Fotografia

O primeiro processo fotográfico foi desenvolvido por Louis Jacques M. N. P. Daguerre, em 19 de agosto de 1839. Segundo Cunha e

Cavalcanti (2008, p. 175), a fotografia é uma

técnica ou arte de produzir imagens visíveis pela ação da luz, que fixa essas imagens de modo direto e durável sobre uma superfície sensibilizada.

3.2 Diapositivo

Também conhecido como *slide* ou cromo, é um tipo de filme cuja imagem só se observa quando projetada. No Brasil, só é fabricado diapositivo colorido, porém se sabe da existência de *slide* preto e branco em outros países.

3.3 Negativo

Trata-se da “imagem fotográfica cujos valores tonais (claros e escuros) são o reverso do objeto original” (CUNHA; CAVALCANTI, 2008, p. 158).

3.4 Cromo

Parecido com o negativo, é sim um positivo, como o diapositivo. Difere no processo (revelação) na quantidade de banhos químicos.



3.5 Originais de arte

São as telas, desenhos em nanquim, escultura ou, como define o Código de Catalogação Anglo-Americano (2004), original de arte é “uma obra de arte original, em duas ou três dimensões, criada pelo artista (que não seja gravura ou fotografia)”.

4 ELABORAÇÃO DO PROJETO

Após todas as etapas, desde levantamento de literatura até conhecimento do tipo de material, iniciamos a elaboração de um projeto para a organização e recuperação das imagens.

Nosso projeto tinha definido três objetivos:

- implantar o acervo;
- processar tecnicamente, armazenar e preservar as imagens;
- localizar onde as imagens foram utilizadas nas publicações, principalmente, no então *Correio do Senac* (atual *Revista do Senac*).

No projeto, definimos, também, a metodologia de trabalho, os recursos materiais, financeiros e humanos.

5 BASE IMAGÉTICA E O MANUAL DE PADRÕES

[...] as imagens fotográficas requerem uma leitura e uma descrição de conteúdo que diferem consideravelmente daquela que é tradicionalmente utilizada para a documentação textual (ABREU, 1999, p. 9).

A estrutura da base de imagens, denominada Arqfoto, foi criada no Winisis e era destinada apenas ao tratamento do acervo recebido da DMC, mas, com o recebimento de outros materiais iconográficos, como cartazes e originais de arte, foram criados mais campos e alterada a finalidade da base, tornando-a mais abrangente.

Decidimos que tanto o vocabulário assim como alguns campos, entre eles Autor, Título, Local e Data, teriam os mesmos padrões da então base bibliográfica Biblio. Pensando nas imagens que seriam digitalizadas, foram criados os campos Local de Guarda e Endereço Eletrônico. O primeiro deveria ser preenchido com o local físico onde a imagem ficaria armazenada no acervo e o segundo com o *link* e um nome indicado pelo catalogador. Na Figura 1, o nome adotado pelo catalogador foi “Original”.

O campo Resumo seria (e é) preenchido com um padrão diferente da base bibliográfica. Em um livro ou periódico, a informação não é só clara, mas, também, há divisões da ideia ou do conhecimento do autor. Em uma imagem, existem outros elementos de conteúdo como a pessoa protagonista, objetos ou animais, cenário (ou paisagem), ambiente, tempo, entre outros que precisam ser identificados e registrados.

Na Figura 1, observamos a planilha de entrada de dados de originais de arte como exemplo. Esses materiais são telas que estão armazenadas tanto física como digitalmente na Gerência de Documentação.

Essa Base foi divulgada e disponibilizada para os DRs que nos solicitaram. Para orientar o

bibliotecário, foi elaborado um Manual, da série *Manual do Sics*, com os padrões adotados para cada campo da base. O referido Manual está disponível na web.

5.1 Mudança de software

A Gerência de Documentação tomou a decisão de migrar os dados da base ArqFoto para o BNWeb, motivada pelas novas demandas de atendimento oriundas do projeto Senac 70 anos (para comemoração do aniversário da Instituição em âmbito nacional, em 2016).

A equipe realizou um estudo comparativo das planilhas disponíveis no BNWeb para verificar a compatibilidade com a planilha da base Arqfoto. Ao

Figura 1 – Planilha de Entrada de Dados no Winisis

DATA DE ENTRADA (18)	23/11/16
CODIGO DE ACESSO (20)	231116
AUTORIA (10)	SENAC - IMAGEM
TITULO (60)	Senac
CLASSE (10)	ENTRADA DE COMUNICAÇÃO CORPORATIVA
SUBCLASSE (10)	RELATORIO GERAL
DATA (8)	2006
DESCRIÇÃO FISICA (10)	21 páginas de arte e foto sobre 1914 - 2016
NOTAS (10)	Tela adaptada pelo Senac Nacional, versão 2.1 reproduzida no Portal do Senac, 2006. Os 2006, todos foram exibidos no Códex.
RESUMO (40)	Comprende de arte reproduzida no Relatório Geral do Senac, representando as atividades desenvolvidas pelo Senac por seus anos. Tela 1 - Programa Educando para Cidadania; Tela 2 - Senac 1914; Tela 3 - Sobrado Cidadão; Tela 4 - Progra
DESCRIÇÃO (10)	1 SENAC 2 RELATORIO GERAL 3 ARTE MAP
FORMULAS (10)	1
PROVENIENCIA (10)	CCC
LOCALIZAÇÃO (10)	VENTURIANCI (10)
ENDEREÇO ELETRÔNICO (10)	1 "AV" "ARQFOTO" "img" ".jpg" "01" "img" 2 "AV" "ARQFOTO" "img" ".jpg" "01" "img" 3 "AV" "ARQFOTO" "img" ".jpg" "01" "img" 4 "AV" "ARQFOTO" "img" ".jpg" "01" "img" 5 "AV" "ARQFOTO" "img" ".jpg" "01" "img"
P. Notas	Presença em acervo de entrada de dados de itens não indexados, no formato: SENAC/164 - 2016/16

final do estudo, optou-se por utilizar as seguintes planilhas: FTS (fotografias), SDE (slides) e RPA (reprodução de arte) para registro do material imagético. Outra decisão foi que não seria realizada uma migração de dados, mas sim, que seria gerado um relatório da antiga base para alimentação manual dos dados no BNWeb.

Após essa etapa inicial, e com a continuidade da entrada de dados diretamente no BNWeb, a equipe sentiu a necessidade de implementar algumas alterações nas planilhas adotadas visando uma melhor recuperação do acervo imagético.

Realizou-se uma reunião com o diretor-técnico da Contemporary, desenvolvedora do *software*, para avaliar a viabilidade dessas implementações. A sugestão apresentada, e aceita

pela equipe, foi a criação de uma nova planilha específica para as bibliotecas do Senac, em que será possível tratar o acervo imagético, independentemente do seu suporte. A planilha está em fase de desenvolvimento por parte da empresa.

6 RECURSOS MATERIAIS PARA ARMAZENAMENTO E PRESERVAÇÃO

Nosso próximo passo seria a compra do material. Mais uma vez, perguntas surgiram antes de fazermos a “lista de compras”. Como nosso acervo tinha imagens de vários tipos e diferentes dimensões, a primeira pergunta foi: acondicionamento? Caixas, jaquetas...? Em seguida, quais as especificações do papel, da cola, da luva etc.?

Nossa opção foi comprar papel neutro de várias gramaturas, e confeccionar os envelopes e caixas de acordo com o tipo de imagem. Foi uma boa opção, já que não tínhamos como estimar a quantidade de cada tipo de imagem. A relação desse material, assim como dos equipamentos, está descrita no Manual.

7 DIGITALIZAÇÃO

Por que digitalizar? Nosso objetivo foi (e é) preservar e disponibilizar as imagens, principalmente aquelas que retratam a história do Senac. A pergunta era: como disponibilizar e preservar ao mesmo tempo? A solução encontrada foi a digitalização do acervo, anexando a imagem ao registro, possibilitando aos pesquisadores a sua recuperação.

Ao tomarmos a decisão de disponibilizar a imagem junto ao registro, nos preocupamos com a Lei de Direito Autoral. Por esta razão, apesar da informação ser

recuperada, a imagem só é exibida para as pessoas autorizadas.

8 A IMPORTÂNCIA DO ACERVO IMAGÉTICO DE UMA INSTITUIÇÃO PARA PRESERVAÇÃO DA SUA MEMÓRIA

Toda reflexão sobre um meio qualquer de expressão deve se colocar a questão fundamental da relação específica existente entre o referente externo e a mensagem produzida por esse meio (DUBOIS, 2006, p. 25).

Foto 1 – Indexação de uma imagem



O compartilhamento da nossa experiência com o acervo imagético teve como objetivo mostrar como a preservação da memória visual pode colaborar com o fortalecimento da identidade e ampliar o conhecimento a partir do acesso ao “conteúdo informacional” das imagens.

Tanto as fotografias como os diapositivos, negativos e outros tipos de imagens são fontes que nem sempre registram o que o olhar observa. Como comenta Canclini (1987, p. 16 apud SILVA, 2006, p. 196)

o sentido das fotos nunca está completo nelas mesmas, mas que se constitui e varia no processo de circulação social.

Esta experiência foi vivida na Gerência de Documentação. Muitas imagens pouco nos revelavam, era apenas uma prova daquilo que mostravam.

Como aborda Dubois (2006), uma imagem pode ser o “espelho do real”, ou seja, imitação da realidade, mas, também, a mesma imagem é a “transformação do real”, quando é feita uma interpretação do que é visto. Como tece Haertel (1990)

outras inferências perceptivas, advindas de nossos outros sentidos, podem transformar a impressão daquilo que vemos.

Por fim, uma imagem pode ser “como um traço de um real”. Para Dubois, a imagem pode ser mais do que o real, do que é visto. Ela requer análise e pesquisa do seu significado, qual a realidade ela reflete. Para exemplificar essas teorias, observemos a Foto 1:

1. espelho do real: fotografia da construção de uma laje;
2. transformação do real: reforma de uma garagem? Construção de uma marquise?;
3. traço de um real: após pesquisas no então *Correio do Senac* (atual Revista do Senac), essa imagem representa a construção da unidade 903 Sul do Departamento Regional do Distrito Federal, iniciada em 1971.

Como já foi visto, o bibliotecário pode interferir na descrição da imagem ao interpretar o que vê. Por essa razão, é necessária uma análise, ou melhor, uma pesquisa que possa fundamentar sua interpretação. Silva e Silva (2010, p. 200) afirmam

[...] para que o pesquisador possa alcançar o que não foi revelado pela imagem, a fotografia deve ser inserida em seu contexto social e analisada em um estudo comparativo com outros tipos de registro, como o documento escrito.

Se o objetivo principal for resgatar e divulgar a memória da Instituição, é importante a pesquisa em documentos textuais históricos, como livros e periódicos, onde será possível identificar os fatos históricos. A imagem é considerada “matéria-prima do conhecimento” (MARTINS, 2008) no momento em que a Instituição deseja retratar sua história.

Considerando as comemorações dos 70 anos do Senac, nossa proposta é que este tema seja o referencial para as bibliotecas do Sics no tratamento do acervo imagético e resgate da memória institucional.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Ana Lucia de. **Acondicionamento e guarda de acervos fotográficos**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, Departamento de Processos Técnicos, 1999.
- CUNHA, Murilo Bastos da; CAVALCANTI, Cordélia Robalinho de Oliveira. **Dicionário de biblioteconomia e arquivologia**. Brasília, DF: Briquet de Lemos, 2008.
- DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. Campinas: Papirus, 1993.
- HAERTEL, Nilza G. A magia do silêncio nas artes visuais. **Revista Porto Alegre**, Porto Alegre, n. 1, p. 56-59, maio 1990.
- MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem**. São Paulo: Contexto, 2008.
- SENAC. DR. PR. **Técnicas básicas de fotografia**. Curitiba, 1999.
- SILVA, Kalina Vanderlei; SILVA, Maciel Henrique. **Dicionário de conceitos históricos**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- SILVA, Rubens. Acervos fotográficos públicos: uma introdução sobre a digitalização no contexto político da disseminação de conteúdos. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v. 35, n. 3, p. 194-200, set./dez. 2006.

